



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

UM ESTUDO SOBRE “O JOVEM TÖRLESS”: O DESENVOLVIMENTO
INTERIOR DE UM ADOLESCENTE NO CONTEXTO DE UMA INSTITUIÇÃO
TOTAL

Poema Maria Pacheco Bochner

Rio de Janeiro
2022

POEMA MARIA PACHECO BOCHNER

UM ESTUDO SOBRE “O JOVEM TÖRLESS”: O DESENVOLVIMENTO
INTERIOR DE UM ADOLESCENTE NO CONTEXTO DE UMA INSTITUIÇÃO
TOTAL

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras
na habilitação Português / Alemão.

Orientador: Prof^a. Dra. Maria Lucia Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO
2022

SUMÁRIO

1. Introdução: contextualizando a obra	4
2. A raiva introjetada no Eu	5
3. O internato como instituição de controle	7
4. O desenvolvimento interior	11
5. O desenvolvimento da sexualidade	15
6. O conflito entre Razão e Subjetividade: a cisão do Eu.....	20
7. A Semiótica dos Cenários	24
8. Considerações finais	27
Referências	29

1. Introdução: contextualizando a obra

O livro aqui em estudo se ambienta na Áustria do final do século XIX, no contexto rigoroso e opressor de um Internato — descrito como monótono e vazio — onde a existência é larvar. A moral burguesa vigora. A inquietude, a dúvida, a insegurança e a busca de Törless são fatores importantes para a construção do ambiente, pois há uma relação semiótica entre os cenários apresentados e o estado de espírito do rapaz. O tempo transcorre de forma tanto cronológica quanto psicológica. Contudo, a maior parte da obra desenvolve-se de modo linear; os fatos se desenrolam na ordem em que ocorreram, compondo uma sequência lógico-temporal. Há, no entanto, rememorações, através de flashbacks, de acontecimentos da infância de Törless, que influenciam seus conflitos internos durante o decorrer do livro. O futuro também é invocado e, dessa forma, um Törless adulto de espírito refinado e sensível apresenta-se e fornece seu posicionamento acerca de algumas ocorrências descritas ao longo do romance. A história se estrutura através de um narrador em terceira pessoa que transmite os pensamentos, sensações e sonhos de Törless. E, mesmo possuindo um narrador observador, o enredo se volta principalmente para o Eu e para o desenvolvimento das forças internas do protagonista.

Törless é um menino que mostra pretensões voltadas ao espírito. Ao longo do romance, ele vivencia diversas situações que contribuem para o desenvolvimento do Eu e a transição de um adolescente inseguro e pouco assertivo para um adulto sensível intimamente ligado ao espírito. Esse processo, que, logicamente, não poderia ser fácil, causa no menino as mais variadas angústias e fazem com que ele experimente momentos de baixa extrema — como ele mesmo define — e tentativas malsucedidas de encontrar diretamente na racionalidade as respostas pelas quais ele tanto anseia. Mostra-se distintivamente um conflito entre prazer e culpa, instinto e moralidade que ocorre de forma intercambiável, com uma das partes constantemente assumindo o lugar da outra. Esse embate já adianta um dos tópicos centrais da obra e também do presente trabalho: a oposição do Eu em relação a uma Instituição — representada, neste caso, pelo Internato.

2. A raiva introjetada no Eu

Em “O mal-estar na civilização”, Freud discorre sobre a questão da felicidade humana como finalidade da vida, os meios para alcançá-la e também os fatores que atrapalham os seres humanos em sua meta. Para isso, ele traz conceitos como o Eu (e seus estágios de desenvolvimento), o Super-eu e a noção de indivíduos neuróticos. Nesse livro, o psicanalista também retrata a questão instintual humana, tanto em relação a libido quanto em relação à agressividade. Segundo ele, existe um espectro da agressividade inerente ao ser humano e que, portanto, não pode ser combatido. Caberia então ao Estado — este sendo detentor, inclusive, do monopólio da violência — encontrar maneiras para satisfazer esse instinto intrínseco ao homem. Além de isso não ocorrer, o Estado se utiliza do seu domínio da agressividade para manifestá-la contra os próprios indivíduos, incitando neles um certo sentimento insurgente que se manifesta em pequenas e grandes violências, podendo culminar em atos extremos. No contexto de uma instituição total, essas relações se intensificam.

Freud, ao falar sobre essa hostilidade reprimida, sustenta que ela pode se manifestar de duas formas, dependendo da condição do indivíduo durante sua fase de desenvolvimento. Se a criação for afetuosa, o sujeito, não podendo direcionar sua agressividade para fora, acaba voltando-a para si:

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos.

(FREUD, 2011, p. 68)

Contudo, caso experencie uma criação demasiadamente impetuosa, o indivíduo tende a dirigir seu ódio para o externo — as pessoas a sua volta ou, até mesmo, a sociedade de forma mais ampla.

O pai "brando e indulgente além da conta" favorece na criança a formação de um Super-eu demasiado rigoroso, porque, sob a impressão do amor que recebe, esse filho não terá outra alternativa para a sua agressividade que não voltá-la para dentro. Quanto ao abandonado, o que foi educado sem amor, nele não há tensão entre Eu e Super-eu, toda a sua agressividade pode se dirigir para fora. Então, abstraindo um fator constitucional que se supõe existir, pode-se dizer que a consciência severa tem origem na atuação conjunta de duas influências vitais: a frustração do instinto, que desencadeia a agressividade, e a experiência do amor, que volta essa agressividade para dentro e a transfere para o Super-eu. (FREUD, 2011, pp. 78-79)

Logo no começo da obra, temos vislumbres da relação entre Törless e seus pais. Percebemos que a relação é demasiadamente afetuosa e, especialmente pela parte da mãe, superprotetora:

Seus pais, contudo, estavam contentes. Amavam-no com ternura intensa, uma ternura irrefletida e animal. Sempre que voltava ao internato após as férias, a esposa do conselheiro sentia a casa morta e vazia e, ainda dias depois dessas visitas, andava pelos aposentos com lágrimas nos olhos, acariciando aqui e ali um objeto sobre o qual os olhos do rapaz haviam pousado ou que ele segurara nas mãos. Ambos os pais se teriam deixado até ser mortos por causa dele. (p. 11)

Crescer em um ambiente tão afável fez com que Törless reprimisse alguns dos seus sentimentos negativos, pois é justamente através de conflitos com os pais — que, nessa fase da vida, são as pessoas mais próximas da criança — que se torna possível manifestar essa faceta ligada às sensações mais pessimistas. Esse contexto familiar protegia o menino de dificuldades, mas também o afastava de diversas questões internas que ele teve que confrontar no internato e, nesse momento, sem mais ter o auxílio ou proximidade com seus pais, mesmo que inicialmente ele tente recorrer a eles, Törless logo percebe que seus pais não conseguem entender a situação e seus conselhos não são esclarecedores.

3. O internato como instituição de controle

A origem dos internatos está situada no medievo, mas esse tipo de instituição pedagógica só veio a se consolidar e a se difundir em meados do século XVI, principalmente na França. Essa espécie de regime pedagógico adveio da suposta necessidade de controlar crianças e adolescentes em uma fase crítica de suas vidas e de mantê-los afastados das depravações morais. Também visava favorecer o desenvolvimento dos jovens para servir ao país, sendo o afastamento do contexto familiar considerado essencial.

No presente trabalho, os internatos são entendidos como instituições totais, no conceito de Goffman (1974, p. 11):

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.

Dessa forma, torna-se possível estabelecer uma relação entre os internatos escolares e outras instituições totais segundo a referida concepção: as prisões e manicômios. Tal aproximação, por si só, demonstra o quão pernicioso esse tipo de conjuntura pode ser para o desenvolvimento subjetivo de uma criança ou adolescente. Novamente, segundo Goffman:

[...] todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais

explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição. (pp. 17-18)

Por conseguinte, esse meio: “é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal” (p. 22), aspecto que dificulta a distinção entre as duas instâncias. Outro fator de destaque equivale ao caráter massificante desses locais, pois ao serem submetidos sempre às mesmas atividades, normas, roupas e todos os outros feitos da rotina, os jovens não encontram os recursos necessários para a realização íntegra do seu processo de individuação. A consequência disso normalmente é violenta, pois não há nada mais opressor do que a anulação do sujeito.

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu.

[...] A barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu. (Goffman. 1974, p. 24)

Em um internato a microssociedade se dá em forma de circuito: como não há separação entre o pessoal, o social e o escolar, qualquer deslize em alguma dessas áreas pode ser usado de forma punitiva em si mesma e nas outras. É dessa maneira que os furtos praticados por Basini são utilizados pelos outros rapazes para assumir um controle total de sua vida — já que todos esses aspectos estão interligados — e subjugar-lo. Os próprios alunos conseguem reconhecer que ali no internato havia a reprodução de relações autoritárias e o próprio Törless comenta: “Seu papel como uma espécie de chefe de estado-maior secreto, porém, o divertia. Tanto mais por ser quase a única coisa a trazer alguma vida ao seu profundo tédio.” (p. 42).

Entretanto, de forma mais geral, um contexto que reprime e dilacera o Eu sempre repercutirá em mais violência. Em *O Jovem Törless*, Basini assume a função de válvula de escape para essa agressividade. Inicialmente, isso vale apenas para os três rapazes que o assediam, mas, no final do livro, nenhum aluno da turma hesita em participar de sua punição, e eles, até mesmo, se divertem com a situação. Mas em outros casos, há a possibilidade de essa hostilidade se voltar contra a própria instituição e isso configura uma tendência humana e, conseqüentemente, da própria sociedade. Walter Benjamin (2013, p. 155), em seu ensaio sobre a violência, diz:

A lei dessas oscilações repousa no fato de que toda violência mantenedora do direito acaba, por si mesma, através da repressão das contraviolências inimigas, enfraquecendo indiretamente, no decorrer do tempo, a violência instauradora do direito, por ela representada. [...]. Isso dura até o momento em que novas violências ou violências anteriormente reprimidas vencem a violência até aqui instauradora do direito, fundando assim um novo direito para um novo declínio.

Ao tentar reprimir esses instintos humanos, a civilização, diz Freud:

espera prevenir os excessos mais grosseiros da violência, conferindo a si mesma o direito de praticar a violência contra os infratores, mas a lei não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana. Cada um de nós vive o momento em que deixa de lado, como ilusões, as esperanças que na juventude depositava nos semelhantes, e aprende o quanto a vida lhe pode ser dificultada e atormentada por sua malevolência. (Freud 2011, p. 57)

Os internatos, como já foi exposto acima, possuem características deveras similares a outras instituições totais, como hospícios e prisões, por exemplo, na medida em que todos eles cerceiam a liberdade de seus residentes e visam, em teoria, obter um efeito educador e moralizante proporcionando, dessa forma, um desenvolvimento do indivíduo, mas, estilizando a própria individualidade deles.

Outra perspectiva relevante conecta-se a conceitos criminológicos, porquanto com a ascensão de uma organização social burguesa, os seres humanos assumem o papel de indivíduos livres. A liberdade passa a ser considerada como um direito fundamental e, conseqüentemente, o encarceramento se torna a punição adequada para os transgressores das normas sociais, pois os priva desse princípio.

Segundo Elbert (2003), um pensador da Criminologia, a transgressão das normas “[...] é tão antiga quanto as normas, porque, onde quer que se estabeleçam, haverá alguém que as desobedeça ou desafie” (p. 39). O que muda, portanto, não é a existência de infrações, mas a forma com que a sociedade lida com elas e as punições direcionadas aos infratores. Em um contexto burguês liberal, utilizar-se de um recurso carcerário para um sistema pedagógico configura-se praticamente como um anacronismo ideológico, representando, possivelmente, resquícios do Antigo Regime.

A questão do tédio também corresponde a um fator relevante para a construção de um cenário violento. A falta de vivências novas estava diretamente associada ao toque de recolher do internato, e, para Törless, ouvir aquele som equivalia a alguém dizer: “Agora você não poderá ter mais nenhuma experiência, durante doze horas não viverá nada, por doze horas estará morto — era esse o significado do toque daquele sino” (p. 18). O rompimento de sua amizade com o príncipe abriu espaço para a aparição desse aspecto, pois sua vida assumiu um estado vazio semelhante ao deixado pela saudade dos pais.

Observa-se que a questão do tédio desenvolve-se conjuntamente à introjeção da raiva, nesse caso, oriunda da falta de experiências novas, “[...] provocando nele um impotente ódio de si mesmo, de seu destino e do dia que assim estava sendo enterrado” (p. 18). É nesse momento que o aspecto do desenvolvimento da sexualidade aparece, e se exprime através das aventuras à cabana de Bozena, uma prostitua envelhecida, pois elas correspondem a algo que foge não somente da rotina do internato, mas também da sua vida como jovem menino abastado, criado com certo distanciamento da baixeza daquele ato e daquelas pessoas.

Outro aspecto que fica nítido ao longo do livro é a falta de catarse no internato, o que leva os alunos a buscarem diversos meios para saciar essa necessidade. Já na Antiguidade, Aristóteles destacava a importância da catarse para o ser humano. Esse efeito torna-se uma expiação do *pathos* e de todas as

sensações instintuais a ele associadas. Ele apazigua, por certo tempo, esses sentimentos arrebatadores e possivelmente catastróficos. Basini se torna um totem desse efeito catártico para os três rapazes, mas mais para Törless e Beineberg. Este último descreve sua relação com o outro no seguinte trecho:

Exatamente porque me custa torturar Basini - quero dizer, degradá-lo, rejeitá-lo -, exatamente por isso, é bom. Pois exige sacrifício. Surtirá um efeito purificador. Devo isso a mim mesmo; e preciso aprender com Basini, diariamente, que ser apenas humano nada significa, é mera aparência, uma macaquice... (p. 61)

Basini representa para os meninos coisas diferentes: Beineberg, por exemplo, já demonstrava anteriormente uma tendência para os mistérios esotéricos e se sentia atraído pela possibilidade de dominar as outras pessoas através dessas forças espirituais diferenciadas. Para Törless, por outro lado, durante seus momentos com Basini, “[...] tudo rebentou, e ele derramou sobre Basini seus mais obscuros impulsos” (p. 111). Ele atribui tais atitudes às “[...] peculiares condições de vida no internato. Com forças jovens e impetuosas retidas por trás de muros cinzentos, a fantasia multiplicava imagens sensuais que punham muitos dos rapazes fora de si.” (p. 114)

4. O desenvolvimento interior

Desde o começo, é dito sobre Törless que ele

[...] possuía excessiva inclinação pelas coisas do espírito para ser como os colegas e percebia agudamente que eles eram ridículos com as falsas emoções provocadas pela vida no colégio, que constantemente nos obriga a nos meter em brigas e discussões. Assim, sua personalidade adquiriu um quê de indefinido, um desamparo íntimo que não lhe permitia encontrar o caminho de si mesmo. (p. 15)

Törless encontra-se em um estágio de desenvolvimento do Eu. Nesse estágio, o menino se depara com um conflito muito forte entre seus impulsos não dominados pelo Eu e a existência de seu Super-eu consideravelmente rigoroso, mas ainda em desenvolvimento. Ele condena tudo aquilo e controla até mesmo seus pensamentos. Vale ressaltar, novamente, que o contexto do Internato corresponde a um espaço opressor e moralizante, fator que intensifica esses conflitos. É apenas em seus sonhos que o jovem encontra uma liberdade maior para tratar essas questões: “O estranho era que tratava do assunto mais em sonhos do que com reflexões” (p. 54) chegando, inclusive, a desejar não ter acordado para que pudesse se aprofundar mais em sua inquietação.

Törless mostra-se como um menino inseguro e com a personalidade ainda em formação. O fato de ele já se sentir diferente dos seus colegas mais brutos e, de certa forma, mais viris contribui decisivamente para que a irresolução que o domina se agrave. Por consequência, seu sentimento de angústia se intensifica, já que ele “ansiava então por sentir algo determinado; necessidades firmes, distinguindo entre o bom e o mau, entre o útil e o pernicioso; saber decidir-se, ainda que erradamente, era melhor do que assimilar tudo com excessiva receptividade...” (p. 43).

Logo no começo da obra Törless se depara com sua primeira situação dual ligada ao espírito expressa no que ele acredita ser um sentimento de saudade em relação aos pais. Nenhuma das atividades diárias do internato conseguia distraí-lo desse sentimento apaixonado e era apenas quando escrevia cartas para casa que ele se sentia pleno: “Quando, porém, escrevia, sentia algo diferente, único: uma ilha de sóis e cores emergia dentro dele em meio ao mar cinzento, frio e insensível que dia após dia o rodeava” (p. 10). Törless não percebe, contudo, que o enlevo experienciado no momento da escritura não se dava pelo alívio da saudade dos pais, mas justamente pelo próprio sentimento de ausência configurada em dor e prazer. Nesse momento, o menino estava mais voltado para as sensações do que para o objeto, ao ponto de a própria imagem de seus pais nem estar mais contida nesse sentimento nostálgico.

O fim da saudade não trouxe a esperada satisfação; ao contrário, deixou na alma do jovem Törless um grande vazio. E nesse nada, nesse vácuo interior, ele reconheceu que não fora apenas a

saudade que passara, mas também algo positivo, uma força espiritual, que só florescera sob o pretexto da dor. (p. 11)

Essa passagem expressa bem como a citada experiência estava muito mais ligada à sensação do que ao objeto, e esse aspecto vai permear a obra do começo ao fim.

O jovem busca conhecer os diversos caminhos em direção à felicidade e enfrenta o estilhaçamento do mundo que ele conhecia até então: a proteção do lar e da figura materna, por exemplo. Observa-se também um embate entre os diferentes impulsos que tomam o rapaz, alguns domesticados pelo Eu e outros que não foram dominados e nem saciados. Estes últimos desenrolam-se em nova dualidade, pois saciá-los causaria uma satisfação imensa, mas, ao mesmo tempo, sofrimento, pois eles estão em oposição à moral cara ao rapaz naquele momento. Segundo Freud (2011, p. 21), “a sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado”. É justamente através dos acontecimentos narrados na obra e do seu amadurecimento espiritual que Törless consegue se soltar de tais amarras éticas. Ele, contudo, não as abandona completamente, mas deixa de ser limitado por elas:

Posteriormente, passados os problemas da juventude, Törless veio a se tornar um homem de espírito refinado e sensível. Era uma dessas naturezas de esteta e de intelectual que sentem paz observando as leis e seguindo em certa medida a moral da sociedade, pois isso as exime de terem de refletir sobre as coisas grosseiras que ficam muito abaixo das sutis emoções espirituais.

[...] Para essas pessoas, as coisas que delas exigem apenas correção moral são indiferentes. Por isso, no futuro, Törless jamais veio a se arrepender do que acontecera nessa ocasião. Suas necessidades dirigiam-se tão unilateralmente para o espiritual e para o belo que, se lhe tivessem contado uma história semelhante sobre os desvarios sexuais de um libertino, nem de longe lhe ocorreria indignar-se. (pp. 112-113)

O vazio deixado pela superação dessa primeira vivência origina em Törless uma inquietação angustiante, para a qual ele não encontra explicação, mas que sente uma necessidade quase opressiva em preencher. A partir daí, ele se envolve em situações dos mais variados escopos enquanto se lança a essa busca. Uma dessas situações está ligada à sua amizade com o Príncipe H., um jovem nobre rejeitado pelos outros rapazes do internato, por causa de suas feições e manias consideradas femininas. Mas foi justamente essa tal delicadeza em se portar que atraiu tanto Törless e o levou a se aproximar dele. Essa pequena criatura parecia, aos olhos de Törless, representar algo que não mais existia nesse mundo ou que, pelo menos, não se configurava mais como algo tão comum. A imagem do outro despertou nele uma sensação de elevação, associada ao conceito de Beleza, ligando-se, portanto, à finalidade da vida humana que corresponderia à felicidade.

Sobre a questão do Belo, diz Freud (2011, p. 25):

Aqui podemos transitar para o caso interessante em que a felicidade na vida é buscada sobretudo no gozo da beleza, onde quer que ela se mostre a nossos sentidos e nosso julgamento, a beleza das formas e dos gestos humanos, de objetos naturais e de paisagens, de criações artísticas e mesmo científicas. Essa atitude estética para com o objetivo da vida não oferece muita proteção contra a ameaça do sofrer, mas compensa muitas coisas. A fruição da beleza tem uma qualidade sensorial peculiar, suavemente inebriante. Não há utilidade evidente na beleza, nem se nota uma clara necessidade cultural para ela; no entanto, a civilização não poderia dispensá-la.

Essa amizade, apesar de breve, foi capaz de trazer uma certa paz ao espírito inquieto de Törless. O súbito rompimento entre os dois deixaria em Törless uma marca e “uma espécie de saudade das coisas antigas restaria dentro de si provavelmente para sempre; por enquanto, parecia ter embarcado em outra correnteza, que cada vez mais o afastaria de tudo aquilo” (p. 13). Nesse momento, Törless se aproxima de Beineberg e Reiting, amigos que representam uma antinomia da sua experiência anterior com o Príncipe H. e talvez até de si mesmo: “Na verdade, nessa fase crítica, toda a sua vida constava do renovado esforço de imitar os colegas rudes e mais viris, e de uma profunda indiferença interior em

relação a esse esforço” (p. 15), pois enquanto sua primeira amizade simbolizou uma ligação com algo mais sensível, suas amizades seguintes são exatamente o oposto disso.

Buscando fugir disso, do seu próprio Eu, e, mais especificamente, daquilo que o diferenciava dos outros rapazes — exatamente essa tendência para as emoções demasiadamente sutis —, ele trava amizade com rapazes que “singularmente eram os piores da classe, talentosos e de boas famílias, embora selvagens e violentos, às vezes até grosseiros” (p. 14).

Reiting, por exemplo, é descrito como especialmente cruel e sádico, pois nada o divertia mais do que “atizar pessoas umas contra as outras, submeter umas com ajuda das outras, alimentando-se dos agrados e das adulações forçados que extraía delas, por trás dos quais sentia a resistência do ódio de suas vítimas” (p. 41)

Apesar de se aproximar desses rapazes violentos, a experiência mais importante para seu desenvolvimento espiritual vai se dar com Basini, um rapaz delicado e de características femininas, semelhante, nesse sentido, ao Príncipe H., seu primeiro amigo.

5. O desenvolvimento da sexualidade

Durante a puberdade, ocorre uma mudança na configuração da sexualidade. Anteriormente, na fase infantil, ela estava muito ligada ao autoerotismo. Agora o objeto desloca-se até um fator externo que, no caso de Törless, configura-se em Basini. O menino tende a aparecer sempre ligado à sensualidade, de uma forma ou de outra: “[...] por fim, restou apenas uma agradável mornidão, como um banho e uma excitação sensual, de que já nem tinha consciência, mas que, de alguma forma muito intensa, apesar de ininteligível, ligava-se a Basini” (p. 89).

Basini aparece na obra, pela primeira vez, através dos olhos da prostituta Bozena — aspecto importante para a aproximação simbólica entre os dois — e ela o descreve como

[...] um rapaz muito engraçado. E nobre: só bebe vinho. Mas é bobo.
Gasta um monte de dinheiro e não faz nada, só conversa comigo.

Gaba-se dos amores que tem em casa; de que adianta isso? Dá para ver que é a primeira vez na vida que está com uma mulher. Você também ainda é só um rapazinho, mas é atrevido; ele é desajeitado e tem medo da coisa, por isso fica me contando com jeito de homem sensual... sim, foi isso que ele disse... como lida com as mulheres. Ele diz que nenhuma vale nada, mas como poderia saber disso? (p. 37).

Para Törless, Basini é como uma porta que, de alguma forma, estava ligada a Bozena e se abria para um mundo de sensualidade ardente. O rapaz se torna uma personificação daquilo que Törless busca, mas que ainda não é capaz de nomear ou entender. “E agora um ser humano assumia isso. Tudo agora se corporificava num ser humano e se tornava real através dele. Com isso, toda a estranheza passara para esse ser. Assim, emergia da fantasia e entrava na vida, tornando-se ameaçadora...” (p. 62). Basini era um menino de aparência agradável, mas, de certa forma, estúpido. O processo de empobrecimento de sua mãe ao se tornar viúva contribuiu para que ele começasse a tomar atitudes impertinentes, visando a manutenção de um *status*. Seus gastos exacerbados produzem dívidas com seus colegas e, não muito tempo depois, ele recorre a furtos para poder pagá-las. Mas, como ele mesmo diz, não estava fazendo nada grave, pois, como pretendia devolver o dinheiro para os outros, era como se ele somente estivesse pegando as quantias emprestadas.

Ele era um pouco mais alto do que Törless, mas de constituição delicada, tinha gestos macios e indolentes, e rosto com traços femininos. Sua capacidade de compreender era fraca, era um dos últimos em esgrima e ginástica, mas possuía um agradável e envolvente encanto.

[...]

A inferioridade moral que ele revelava e suas tolices cresciam a partir da mesma origem. Não conseguia resistir a nada que o inspirasse e sempre era surpreendido pela consequência das coisas que fazia. Nisso era como as mulheres com belos cachos caídos na testa, que servem veneno ao marido nas refeições e depois se

assustam, atônitas, com as estranhas, duras palavras do promotor público e, finalmente, com a sentença de morte. (p. 52)

Esse desejo sensual mostra-se especialmente forte à noite. Enquanto os outros dormem, Törless acha difícil não se render a esses desejos:

[...] tornavam-se mais ou menos fortes os impulsos sexuais que o mantinham de olhos abertos e ardentes, apesar do silêncio e da quietude em que todos se entregavam ao sono. Vez por outra as chamas desses impulsos ardiam tão poderosas que sufocavam qualquer outro pensamento. E se, nesses instantes, Törless se entregava às suas insinuações, em parte ansioso, em parte desesperado, acontecia com ele o mesmo que com todas as pessoas que mais se inclinam para a louca explosão da sensualidade devassa que dilacera a alma, quando sofrem um fracasso que perturbou a sua autoconfiança... (p. 95)

Quando o internato encontra-se praticamente vazio durante o feriado — a maioria dos colegas havia viajado —, todos esses sentimentos e sensações se intensificam: “O silêncio — a expectativa — deixava Törless superexcitado, aquela atenção constante devorava todas as suas forças espirituais, de modo que ele já nem conseguia pensar” (p. 97). E, à medida que a aversão aumentava, Törless sentia uma crescente necessidade de ir até Basini: “Törless sentia uma excitação cruel, o desejo de atacar o adormecido como se fosse uma presa” (p. 97). Sem conseguir se controlar por mais tempo, ele vai até o outro e o sacode para que ele desperte. O rapaz já havia passado por aquela situação de ser acordado no meio da noite outras vezes com Beineberg e Reiting e reage automaticamente da mesma forma. Em poucos minutos, os dois estavam no sótão. Basini despido, personifica o belo – conceito de difícil compreensão para um jovem como Törless – e o efeito da sensualidade é inegável: “Ali, porém, a arte chegava pelos caminhos do sexo. Secreta e súbita. Um sopro cáldo e perturbador se desprendia daquela pele nua, aliciante, macia e plena de sensualidade. Vibrava nela também algo solene, quase sagrado” (p. 99).

Após esse primeiro choque, contudo, Törless envergonha-se e maltrata o outro menino, mas logo percebe que aquela situação corresponde a uma excelente

oportunidade de tentar extrair do outro uma explicação para suas angústias internas. Ao relembrar todas as humilhações e agressões sofridas por Basini, ele pergunta ao outro se “[...] não houve uma ruptura em todo o seu ser? Um susto impossível de descrever, como se algo indizível tivesse acontecido dentro de você?” (p. 104). Entretanto, o rapaz não consegue responder às suas indagações e apenas chora.

Basini é um totem do desejo de Törless:

Não se pense, no entanto, que Basini despertava em Törless um desejo real - ainda que transitório e confuso. De fato despertara nele algo como uma paixão, mas amor seria apenas um nome casual para esse sentimento, e o ser humano Basini nada mais era do que um objeto simbólico e passageiro desse desejo. Pois, embora Törless se unisse a ele, jamais saciava nele seu desejo, que crescia para além de Basini, tornando-se uma avidez nova e desnorreada (p. 110)

Era justamente “a sensualidade secreta, desorientada, não dirigida para ninguém em especial, a melancólica sensualidade de um adolescente que amadurece, parecendo a terra úmida, negra e fértil da primavera, e as escuras águas subterrâneas que precisam apenas de uma ocasião para romper as comportas” (pg. 110). Esse trecho também expressa a semiótica dos cenários, pois, mais uma vez, essas imagens obscuras são utilizadas em consonância com a sensação que, nesse trecho, corresponde ao desejo.

Devido à condição conturbada que Törless enfrenta durante o desenrolar das suas forças interiores, “ele já não conhecia a si mesmo, e assim crescia o desejo de devassidões loucas e degradantes, como quando, numa “festa galante”, subitamente se apagam as luzes e ninguém sabe mais a quem está arrastando para o chão e cobrindo de beijos” (p. 112). Esse descontentamento ocasiona uma aproximação alvoroçada da sexualidade e de vivências que o distanciam do seu Eu idealizado ou, pelo menos, da forma com a qual ele se enxergava até então. No futuro, um Törless maduro se utiliza de uma consciência estética refinada para analisar a situação, mas, ao fazer isso, ele não deixa de tentar se afastar de tudo aquilo, examinando de forma fria e distante todos esses acontecimentos. Contudo,

nesse momento, para esse Törless mais jovem, essas experiências que fazem com que ele se afaste desse Eu são, inclusive, muito prazerosas.

Törless sentiu-se agradavelmente apaziguado pelos queixumes do outro. Um calafrio correu por suas costas como as patinhas de uma aranha, para cima e para baixo; depois firmou-se entre os ombros, e com finas garras puxou para trás a pele de seu crânio. Törless reconheceu com estranheza que estava sexualmente excitado. Refletiu, sem conseguir recordar quando isso teria começado, embora soubesse que já estava contido na ânsia de se apertar contra o chão. Envergonhou-se; mas fora dominado por isso como por uma poderosa onda de sangue inundando sua cabeça. (p. 72)

Aqui ocorre a primeira representação mais clara de uma excitação sexual da parte de Törless, ainda muito associada à vergonha e à própria timidez do garoto. Mesmo que preambular, ele já mostra as tais tendências sensuais peculiares: “Não sabia, porém, o que significava essa sensualidade; lembrava apenas que ela ocorria sempre que as coisas começavam a lhe parecer estranhas e o atormentavam” (p. 73).

Como Törless apresenta certa repressão da sensualidade, ele não é tão atrevido como seus colegas, mas, mesmo assim, a experiência com a prostituta o seduz, não pela possibilidade de concretização do erotismo, mas pela baixeza que ele enxerga em si ao se colocar nessa situação, pois possuía “tendências sensuais peculiares, mais secretas, mais poderosas e mais sombrias do que as de seus amigos, manifestando-se com maior dificuldade” (p. 19). Bozena representa para ele a primeira experiência com essas situações baixas que tanto o atraíam, ao que Törless chama de abandono de si mesmo. “Mas era isso! Apenas isso! Nada mais! Esse medo, esse abandono de si mesmo atraíam-no cada vez mais. Sair de sua posição privilegiada e meter-se entre as pessoas vulgares, abaixo delas — descer mais fundo do que elas!” (p. 31), e, quanto mais o dia a dia no internato reprimia essa baixeza, mais ele se sentia seduzido por ela.

Os acontecimentos futuros ligados a Basini localizam-se no mesmo escopo experiencial, pois, “quanto mais feio e indigno era o que Basini lhe oferecia, tanto

maior o contraste com a sensação da sofrida e refinada sensibilidade que o dominava depois” (p. 112).

Outro fator que contribuiu para esse seu estado origina-se no fato de que, no internato, os jovens tinham acesso apenas aos grandes clássicos e, apesar de conseguirem entendê-los, faltava o contato com livros que se aproximassem mais de suas próprias realidades e com os quais eles pudessem se identificar e se validar:

Essa relação distorcida com literatura e filosofia surtiu sobre o futuro desenvolvimento de Törless um efeito pernicioso, que lhe proporcionaria muitas horas tristes. Pois desviava sua ambição de seus verdadeiros objetivos e, privado deles, o jovem procura outros, caindo sob a influência dos colegas, rapazes decididos e brutais (p. 80).

6. O conflito entre Razão e Subjetividade: a cisão do Eu

O destaque do inconsciente em oposição ao pensamento se mostra diversas vezes. Em sua busca, Törless se depara com dois caminhos ao entendimento: um mais lógico e racional — que se expressa na matemática e em Kant —, e um outro mais obscuro e subjetivo, que ele alcança somente em sonhos. Ao longo do livro, essas duas vertentes se alternam, entram em conflito para finalmente se complementarem, compondo, dessa forma, uma dialética.

No decurso da obra, Törless tenta explicar várias vezes, fazendo uso dos mais diversos recursos, essa valorização, não da situação ou do objeto concreto, mas da sensação em si mesma. Ele não obtém êxito nessa empreitada: os outros não conseguem compreender o que ele almeja dizer e ele não se sente satisfeito com as próprias explicações e por isso segue buscando um algo indeterminado. Inicialmente, seus diálogos voltados para essa questão se dão principalmente com Beineberg, provavelmente devido ao fato de Törless interpretar a inclinação do colega para os mistérios esotéricos como algo semelhante à sua própria tendência para as coisas do espírito. Ao tentar explicar tudo aquilo, ele, diversas vezes, via-se

irritado: “— Não é disso que estou falando — interrompeu Törless, impaciente com o relato, que obviamente aliviava Basini. — Estou perguntando *como* foi que você pôde fazer aquelas coisas, como se sentia? O que pensava nessa hora?” (p. 104)

Törless busca a resolução de um enigma em si. Ele se pergunta se os adultos à sua volta possuem as respostas que ele tanto procura, pois, aos seus olhos, seria impossível conviver com aquela angústia para sempre:

Sentar-se à janela aberta de noite, sentindo-se abandonado, sentindo-se diferente dos adultos, com todos aqueles sorrisos e olhares zombeteiros que não o compreendiam, sem poder explicar a ninguém o que já sabia ser, e ansiar por alguém que o compreendesse... Isso é amor! Mas para senti-lo é preciso ser jovem e solitário. Com os pais devia ser diferente; algo tranquilo e composto: era apenas mamãe cantando no jardim escuro, à noite, porque estava alegre... (p. 36)

Contudo, os adultos que ele conhece (incluindo seus pais) não parecem ter decifrado nenhum mistério tão sublime. Esse fato leva Törless a indagar se as outras pessoas enfrentam as mesmas questões que ele e, como a concepção de futuro ainda era muito estranha para ele, tudo isso lhe causava um progressivo sentimento de angústia: “Esse pequeno passo que ainda o separava do fim de seu desenvolvimento mental assustava-o como um monstruoso abismo. E ainda antes do anoitecer, Törless, de tanto nervosismo, entrou num estado febril e ficou em pânico” (p. 133)

A obra possui um aspecto semiótico muito presente ao longo de todos os acontecimentos. O cenário descrito, diversas vezes, está em consonância com o estado de espírito do rapaz ou com a situação. A divisão violenta do Eu é representada também através do antagonismo entre uma perspectiva de mundo burguesa — já conhecida por ele — e esse novo ponto de vista misterioso e eloquente.

[...] Sentia-se de certa forma dilacerado entre dois mundos: um sólido e burguês, no qual tudo acontecia de modo sensato e regrado, como estava habituado em casa; outro aventureiro, sombrio, misterioso, sanguíneo, com surpresas inimagináveis. Os

dois mundos pareciam excluir-se mutuamente. Um sorriso zombeteiro, que ele gostaria de sempre ostentar nos lábios, e um calafrio que lhe corria pela espinha entrecruzavam-se, fazendo cintilar seus pensamentos... (p. 43).

Essas novas experiências configuram-se como portas para algo que ainda era indefinido. Törless conjectura que há algo ali, muito embora ele não saiba dizer o que e nem como se aproximar desse objeto inominável. Contudo, ele tem certeza que esse algo existe, mesmo que não seja concreto. Basini se mostra para ele como uma possível porta para esse universo oculto e enigmático. Törless se pergunta se esses dois mundos indubitavelmente opostos podem coexistir na mesma pessoa e se podem ultrapassar simultaneamente as fronteiras entre si.

Existia, portanto, algo com que sempre se tinha de contar, algo de que se precaver, algo que subitamente pode saltar fora dos calados espelhos de nossos pensamentos?

Mas assim todo o resto também era possível. Assim, Reiting e Beineberg eram possíveis. Aquela mansarda ali era possível... Assim também era possível que, no mundo cotidiano e nítido que ele até então conhecera, se abrisse uma porta levando a outro mundo, abafado, ardente, apaixonado, desnudado, devastador. Assim era possível que entre uma pessoa cuja vida se move regradamente entre o escritório e a família, como numa transparente e firme casa de vidro e ferro, e uma outra pessoa, desprezada, ensanguentada, imunda, que perambula por confusos corredores repletos de vozes e urros, não apenas existisse uma passagem, mas que suas fronteiras se tocassem, secretas, próximas, podendo ser ultrapassadas a qualquer momento? (pp. 47-48)

Por conseguinte, o conflito entre a sua racionalidade e esse algo mais abstrato também se exprime no contexto imagético, havendo, de forma recorrente, uma descrição do espaço através de um imaginário matemático. Ângulos retos e agudos, além de formas geométricas, são constantemente empregados para caracterizar os ambientes, as escadas e os tetos. Ao perceber a infinitude do céu que estava acima dele, Törless aproxima-se conceitualmente às questões de

espírito que despertam forte interesse nele. Por conta disso, o rapaz se sente atraído pela questão e, ao mesmo tempo, intrigado.

Algo que ultrapassava o entendimento, algo selvagem, aniquilador, adormecido pelo trabalho de algum inventor e que de repente despertara e se tornara novamente terrível. Ali, naquele céu, isso se achava agora por cima dele, vivo e ameaçador, sinistramente zombando dele. (p. 64)

Nesse sentido, a noção matemática de infinito parece compor os entes da alma que ele almeja. Por causa disso, o rapaz desenvolve um novo interesse pelas aulas de matemática: “Nos últimos dias seguira as aulas [de matemática] com especial interesse, pois pensava: “Se isso que estão dizendo aí for realmente preparação para a vida, deve-se referir a alguma das coisas que estou procurando.” (p. 74). Em decorrência dessa nova relação com a matemática, Törless situa o professor daquela matéria como uma espécie de conhecedor do desconhecido; alguém que conseguiu chegar ao lugar que o menino deseja atingir e que domina os grandes mistérios da existência: “E, por causa desse respeito, sentia certa inveja do professor, que devia estar familiarizado com todas essas relações e carregava seu conhecimento como a chave de um jardim fechado” (p. 76). Contudo, essa admiração dura muito pouco.

Visando alcançar as respostas para suas inquietações, Törless marca um encontro com o professor de matemática em sua sala. Em pouco tempo, no entanto, ele percebe que não conseguirá extrair dali nada de muito proveitoso: “Desde que ouvira aquela porta se fechar, era como se as palavras ficassem cada vez mais distantes... indo para o outro lado, o lado indiferente, onde ficavam todas as explicações certas, mas que não diziam nada” (p. 79). Com isso, seu recém-adquirido respeito pela matéria é perdido. Agora, ele entende que não é ali que se situa o problema das suas inquietações:

Mas o que vou ver? Pois bem, então vou ver; mas não me interessa nem um pouco, Beineberg! Você não me compreende. Nem sabe o que me interessa. Se a matemática me atormenta e se... — ele refletiu depressa e nada disse sobre Basini —... e se a matemática

me atormenta, bem, estou procurando por trás dela algo muito diferente do que você, que não é nada sobrenatural. É exatamente o natural que procuro, entende? Nada que esteja fora de mim, é em mim que procuro algo, em mim! Algo natural! Mas que, apesar disso, não compreendo! Você não entende nada disso, como não entende a matemática... Ora, deixe-me em paz com suas especulações! (p. 85).

7. A Semiótica dos Cenários

Em primeiro lugar, mostra-se essencial entender o significado de Semiótica, mas, para isso, precisamos compreender que ela não corresponde a um conceito único e cerrado, pois, quando essa concepção se fecha, ela também se perde. Contudo, podemos compreender a Semiótica como uma ciência que trata de todas as linguagens, ao contrário da Linguística, ciência ligada essencialmente a linguagem verbal.

Os seres humanos se comunicam através de sua língua materna, mas também através de diversos elementos, como imagens, objetos, sons e gestos. Por isso, pode-se concluir que a Semiótica está presente no cotidiano dos indivíduos. Comunicamos o mundo ao nosso redor através de signos que nada mais são do que

uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, 2003)

A representação do signo está condicionada ao intérprete, pois cada indivíduo gera imagens mentais diferentes — embora semelhantes — para o mesmo estímulo. Portanto, o significado de um signo acaba correspondendo a outro signo. Para expressar uma emoção, que corresponde a um objeto subjetivo, torna-se necessário fazer uma sequência de correlações ligadas àquele sentimento

específico. No romance em estudo, o ambiente que cerca Törless contribui para articular as sensações interiores do menino. No entanto, essa relação se dá de forma dialógica: na medida em que o interior entrepõe o cenário, este último também atravessa o lado íntimo, formando, dessa forma, uma atmosfera que está presente tanto dentro quanto fora.

No texto literário, existem vários recursos que corroboram a criação da atmosfera almejada. Em *O Jovem Törless* isso se dá através do emprego de vocabulário correlato, mas, principalmente, através da descrição dos cenários. As sensações interiores transbordam e permeiam os espaços e, dessa forma, criam um ambiente interligado, compondo assim a questão da semiótica dos cenários.

No começo do romance, Törless se depara, principalmente, com uma sensação de monotonia. Ele não consegue identificar exatamente o que originou isso, mas alguns eventos amenizam essa percepção momentaneamente. Quando ele se encontra em um momento tedioso, os dias são descritos de forma arrastada, mas até mesmo elementos da paisagem contribuem com essa noção: “essa mesma terrível monotonia, que pairara por toda parte durante a tarde, rastejava agora pela planura, e atrás dela, como um rastro de visgo, o nevoeiro grudava-se nos campos lavrados e nas plantações cinzentas de beterrabas” (p. 17). Este trecho mostra como o tédio permeia também os espaços.

Em um outro momento, quando a situação com Basini já começava a se desenrolar, Törless encontra-se em um estado de espírito conturbado. Ele ainda não sabe o que está por vir, mas pressente que algo vultoso vai acontecer. Essa aura misteriosa, assustadora, ao mesmo tempo que evoca uma percepção de sensualidade, desenrola-se no cenário e na iluminação, pois “A luz parecia ter assumido um tom leitoso, dançando diante de seus olhos como um nevoeiro pálido e frio” (p. 67).

Logo em seguida, no momento em que Törless se encontra no sótão juntamente com Beineberg e Reiting, os três à espera de Basini, o ambiente se configura como sufocante. Naquele instante, Törless ainda não sabia, mas os outros dois planejavam dar uma surra em Basini, visando humilhá-lo ao máximo. O próprio quartinho em que eles se encontram parece asfixiar o jovem, em prenúncio do que aconteceria em seguida: “toda a atmosfera era opressiva: o calor debaixo do telhado, o ar sufocante, a confusão dos grandes madeirames, em parte perdidos na

escuridão no alto, em parte enfiando-se no assoalho, numa trama fantasmagórica” (p. 70).

Outro recurso bastante empregado na obra para fomentar camadas de expressividade é o uso de correlatos objetivos, ou seja, a criação de um conjunto de imagens poéticas sucessivas. Objetos, paisagens e sentidos potencializam as forças eloquentes da atmosfera criando imagens altamente vivazes.

[...] durante o anoitecer há momentos singulares. Sempre que observo, me vem a mesma lembrança. Eu era ainda muito pequeno, quando um dia brincava na floresta a essa hora. A criada tinha se afastado; eu não sabia, pensava que ela ainda estivesse perto de mim. De repente, algo me forçou a erguer os olhos. Senti que me achava só. Tudo estava quieto. E quando olhei em volta, foi como se as árvores estivessem dispostas num círculo silencioso, me encarando. Comecei a chorar; sentia-me completamente abandonado, entregue àquelas grandes criaturas imóveis... O que será isso? Sinto-o muitas vezes. Esse silêncio repentino, como uma linguagem inaudível... (p. 25).

Aqui, memórias da infância amalgamadas com a floresta, a distribuição das árvores e o silêncio engendram o sentimento de abandono e solidão que o menino experimenta.

Törless fora passear sozinho no parque, entretido com seus pensamentos. Era meio-dia, e o sol de fim de outono pousava pálidas recordações sobre os prados e as veredas. Como, inquieto, Törless não tivesse vontade de dar passeios mais longos, apenas rodeou o prédio da escola e jogou-se ao pé de uma parede lateral, quase desprovida de janelas, na grama cinzenta e movediça. O céu estendia-se sobre ele naquele azul pálido e sofrido próprio do outono, com pequenas nuvens alvas voando em sua superfície (p. 63).

Nesse trecho, o outono evoca lembranças e Törless está, novamente, sozinho.

Ao se deparar com o limiar entre as explicações fáceis — as quais ele naturalmente já conhecia — e tudo aquilo que estava além e que transcendia o

entendimento comum, Törless é tomado por memórias de diversas situações de sua vida, tentando agora observá-las sob essa nova ótica. Esse movimento é caracterizado através de imagens corpulentas e frementes, como evidencia-se na seguinte passagem:

A lembrança daquele silêncio terrivelmente hirt, nas cores amortecidas de muitos crepúsculos, alternava-se com a inquietação cálida e fremente de uma tarde de verão, que certa vez correria sobre a superfície de sua alma, ardente como os pés ágeis de um bando esquivo de lagartos lustros (p. 66).

Através dos excertos analisados, observamos como a descrição dos cenários é fator imprescindível para a construção da obra. O meio no qual Törless se encontra dialoga com ele e vice-versa. Tal processo expande a obra em si e para fora, pois cria uma relação simbólica também com o leitor.

8. Considerações finais

No romance, o internato está sustentado por pilares. Eles são necessários para amparar uma estrutura (política, social, arquitetônica), mas, ao mesmo tempo, são fixos, rígidos e se desgastam com o tempo. Sem eles, aquilo que é sustentado por eles desmorona e, portanto, é necessário protegê-los para manter os preceitos que se sustentam neles. Pensar na própria figura do internato e no porquê de ele ter sido escolhido como pano de fundo para o romance é relacionar a conceituação de liberdade como direito e a privação da mesma como punição. Segundo Benelli (2002, p. 28):

Do ponto de vista psicológico, a comunidade do internato escolar pode ser estudada como um laboratório para outras experimentações: além da perspectiva institucional, dos objetivos confessos, das tarefas cumpridas em comum, podemos ver como o grupo, no contexto institucional, se configura no encontro de

pessoas, de sujeitos, como um local de confronto e de laços afetivos”.

Em uma instituição total, escola e vida social coincidem integralmente. Nas palavras de Benelli (2002), nesse tipo de relacionamento, os jovens “se se tornam opressores, é porque são também oprimidos, reproduzindo as relações sociais de dominação e submissão” (p. 20). Nesse contexto, Basini vira um objeto de transgressão para os meninos que não hesitam em se aproveitar dele para verter sua hostilidade. No caso de Törless, também há esse aspecto, mas ele se sente impelido ao outro igualmente por reconhecer nele uma porta aberta para suas próprias questões interiores. Basini é um infrator, mas, juntamente, um objeto fascinante, no qual é projetado tudo aquilo que se considera ruim e impassível de tolerância. Dessa forma, Basini, como objeto, torna-se algo tão detestável que ele pode ser maltratado e até destruído.

Törless, apesar de demonstrar uma sensibilidade diferente dos outros dois colegas, também participa de tudo aquilo e, mesmo reconhecendo que não há nada de positivo na relação dele com esses meninos, ele não se afasta. Contudo, ao notar qualquer semelhança com eles, Törless demonstra um forte sentimento de repulsa: “Törless sentiu um profundo desagrado; sua repulsa por Beineberg reavivou-se; sentia-se profanado por ter algo em comum com ele” (p. 28), pois, ao mesmo tempo que busca nesses rapazes um afastamento de si, também, de certa forma, almeja uma afirmação do seu Eu, algo que valide suas diferenças e, até mesmo, o situe em uma posição superior aos colegas que, em sua visão, não passam de primordialmente valentões.

Quando Törless observa tanto Basini quanto Beineberg e Reiting com ar de superioridade, ele se envolve com um manto protetor que o afasta de tudo aquilo. Esse tecido só se distende com o passar dos anos e é reforçado por camadas de formação estética, conforme ele se torna adulto. Ao se colocar nesse lugar de contemplação, Törless assume um comportamento que, apesar de utilizar palavras diferentes e rebuscadas, aproxima-se da lógica do internato, pois o exime de críticas. É especialmente nesse aspecto que observamos como a permanência no internato influenciou profundamente sua formação como indivíduo, mesmo que ele tente ocultar isso através de uma consciência estética refinada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENELLI, S. J. *O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade*. Psicologia em Estudo [online]. 2002, v. 7, n. 2 [Acessado 20 Julho 2022], pp. 19-29
Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200004>>

BENJAMIN, W. *Para a crítica da violência*. In: *Escritos sobre Mito e Linguagem*. 2011, São Paulo: Editora 34, pp. 121-156.

ELBERT, C. A. *Manual básico de criminologia*. 2003, Porto Alegre: Ricardo Lenz.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. 2012, Editora Penguin & Companhia das Letras.

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. 1974, São Paulo: Editora Perspectiva.

MUSIL, R. *O Jovem Törless*. 2019, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. 2012, São Paulo: Editora Brasiliense.